

perfil epidemiológico observado difere daquele apresentado comumente na literatura nacional e internacional, as quais descrevem pacientes homossexuais, com baixa escolaridade e/ou com elevada troca de parceiro como população padrão dessa infecção. A mudança epidemiológica indica alterações das ações de prevenção, de modo que campanhas de conscientização façam-se mais presentes neste meio. O aumento da incidência em pacientes heterossexuais acende um alerta secundário para suas respectivas parceiras, uma vez que estas tendem a apresentar uma manifestação subclínica e complicações severas da doença.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102190>

PI 195

INTERNAÇÕES DE CRIANÇAS DE 0 A 9 ANOS POR MENINGITE E COBERTURA VACINAL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E NO ESTADO DE MINAS GERAIS ENTRE 2010 E 2020: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Beatriz Camargo Gazzi,
Evelin Leonara Dias da Silva,
Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP, Brasil

Tendo em vista as elevadas taxas de morbidade e mortalidade, classicamente associadas às meningites bacterianas, a vacina Meningocócica C, de considerável cobertura, foi implementada no Plano Nacional de Imunizações (PNI). Esse esquema de imunoprevenção é composto por três doses, classicamente aos três, cinco, e doze meses, aplicáveis até os cinco anos de idade. Sabe-se que um dos principais objetivos da vacina é justamente reduzir a incidência de casos graves e, conseqüentemente, de internações, diminuindo, portanto, a letalidade, as sequelas e a ocupação de leitos hospitalares. Assim, propõe-se comparar o número de internações por meningite, em crianças de 0 a 9 anos, entre 2010 e 2020, com a cobertura vacinal pela Meningocócica C, tanto na cidade de Belo Horizonte quanto no Estado de Minas Gerais. Trata-se de um estudo observacional, descritivo e quantitativo, proveniente de dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI). No primeiro, foram avaliadas as seguintes variáveis, pertinentes às internações por meningite: ano de atendimento, faixa etária e notificação de casos confirmados. Já no segundo, a cobertura vacinal, em Belo Horizonte e em todo o estado mineiro foi avaliada. Todos os parâmetros correspondem ao período de janeiro de 2010 a dezembro de 2020. No período analisado, foram confirmados 4.138 casos de meningite em Minas Gerais, sendo 1500 deles em Belo Horizonte, correspondendo a 36,25% dos casos. Tanto no estado quanto na capital o maior registro de internações aconteceu em 2019, de 255 e 86, respectivamente, sendo a faixa etária mais acometida a de crianças com menos de 1 ano de idade, nas duas situações. Por fim, cabe ressaltar que a variação desses dados não foi

linear, com uma série de quedas; havendo destaque para o ano de 2012, e aumentos durante esses dez anos. No que tange à cobertura vacinal para Meningococo C, também não foi linear, nem no estado nem no município, sendo o pico de imunização em 2010, em ambas as escalas. Portanto, percebe-se uma correspondência, ainda que indireta, entre a cobertura vacinal e a gravidade dos casos de meningite, avaliada através do número de internações. Além disso, a análise comparativa entre os dados, no referido extenso recorte temporal evidencia o impacto positivo, a longo prazo, da imunização, ratificando a importância da vacinação.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102191>

PI 196

INTERNAMENTOS DE CRIANÇAS POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS PRÉ E DURANTE A PANDEMIA

Andressa Roberta Paschoarelli Chacorowski,
Dennis Armando Bertolini

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde, em 2019 as infecções respiratórias agudas lideraram entre as causas de morte de menores de 5 anos no Brasil. Com o surgimento da COVID 19 no país em 2020, ocorreram mudanças na epidemiologia das doenças infantis devido as medidas de distanciamento social. Apesar do aparecimento de mais uma doença respiratória, reduziu-se no número global de atendimentos pediátricos nos hospitais.

Objetivo: Analisar se o impacto da pandemia também se reflete no número de internamentos por afecções respiratórias de crianças nos estados brasileiros e se há diferença desse índice entre as regiões e faixa-etárias analisadas.

Métodos: Estudo observacional, retrospectivo, descritivo com dados secundários do DATASUS. Verificou-se o número de internamentos por doenças do aparelho respiratório em crianças de 0 a 14 anos por Unidade Federativa no Brasil durante 16 meses de pandemia (março de 2020 a junho de 2021) e comparado com 16 meses pré-pandemia (novembro de 2018 a fevereiro de 2020). Considerou-se para cálculo das taxas o número de internamentos de menores de 1 ano, 1 a 4 anos, 5 a 9 e 10 a 14 anos, e a população média estimada para cada período para cada grupo etário. Como não se dispõe da estimativa populacional de 2021, considerou-se para este ano a estimativa do ano anterior (IBGE, 2018).

Resultados: Apesar do surgimento da COVID-19, observou-se uma redução no número de internamentos por doenças respiratórias na infância nos meses de pandemia quando comparados aos 16 meses anteriores. A maior redução na taxa de incidência, quando se confronta os dados entre os estados, foi verificada no Paraná (diminuição de 1332/100.000 habitantes), seguido por Roraima. A menor diferença (171/100.000) foi observada no Acre, embora este mantenha a 27ª e 26ª posições no ranking do índice de internamento pré e durante a pandemia, respectivamente. Roraima, Amapá e